

A TERMINOLOGIA NA ENCRUZILHADA

Alice Maria de Araújo Ferreira
Universidade Católica de Goiás (UCG)

*"les mots que j'emploie,
Ce sont des mots de tous les jours, et
Ce ne sont pas les mêmes!"
Paul Claudel*

No decorrer do século XX, observamos diferentes definições da noção de linguagem. Se para o estruturalismo, a lingüística tem como objeto o estudo das linguagens particulares e como objetivo permitir chegar a conclusões sobre alguns aspectos do comportamento lingüístico e a uma tipologia das línguas, para as teorias gerativas, a lingüística terá como objeto a descrição da capacidade de linguagem dos indivíduos. Uns estudam os fatos lingüísticos e outros como se produzem esses fatos. A lingüística deve então contemplar todos seus aspectos fundamentais, ou seja, a estrutura, o uso dos falantes, a forma de aquisição, ou ainda, deve considerar os três aspectos da linguagem, isto é, a competência, a atuação e a aquisição. Descrever a linguagem não supõe, portanto, apenas dar conta da competência do falante, mas também do uso que um falante concreto faz da língua em determinadas situações comunicativas.

Ora, no interior desse discurso lingüístico sobre a linguagem, a lingüística aplicada está chamando cada vez mais a atenção para a necessidade de se apreender a linguagem na sua dimensão social como estrutura e como instrumento de comunicação, como sistema e como matéria de resolução de necessidades comunicativas e informativas da sociedade. Os aspectos pragmáticos dessa atitude levaram ao desenvolvimento de diversos ramos da lingüística aplicada e, entre eles, a terminologia ocupa um lugar privilegiado. Como explica Goffin:

"La terminologie-discipline constitue sans conteste un des domaines privilégiés de la linguistique appliquée et pourroit, du point de vue épistémologique, se ranger au côté des 'sciences appliquées' puisque, parallèlement à la nécessité de développer une théorie, il lui faut gérer une praxis. Celle-ci se mesure moins à des pré-supposés scientifiques qu'àux

résultats de ces produits que l'on appelle glossaires ou lexiques. » (GOFFIN, 1985, opud GAUDIN...)

Ora, é preciso, portanto, questionar a definição da unidade de análise da terminologia, isto é, o termo, assim como questionar também as noções que definem a própria terminologia, em particular as noções de referência e de domínio.

1. O Objeto em questão

Lembremos que Wüster, considerado um dos "pais" da terminologia, definiu essa atividade científica como uma "encruzilhada" entre a linguística, as ciências cognitivas, a ciência da informação, a comunicação e a informática (Cf.: Wüster apud CABRE, 1993, 173). Esse caráter interdisciplinar é decorrente do "aspecto pluridimensional" da unidade terminológica, que remete à unidade da linguagem (linguística), ao elemento de cognição (ciências cognitivas) e aos veículos de comunicação (teoria da comunicação e da informação), aparecendo em comunicações especializadas (documentação) e podendo ainda ser tratada informaticamente na atividade terminográfica (a informática).

A terminologia é uma disciplina com base semiótica, e o significado do termo não é uma unidade isolada na mente do falante, uma vez que adquire um conteúdo específico em oposição aos outros significados com que está em relação e com os quais forma um sistema, integrando conjuntos semânticos organizados. Os conceitos que se encontram na realidade sob forma de

objetos (materiais e imateriais) têm uma ordem dinâmica e polivalente que deve conduzir à estruturação conceitual de um domínio. A relação conceito-referente supõe a descrição de como os indivíduos percebem a realidade, de como a conhecem e como a conceitualizam.

Esse aspecto cognitivo, enquanto resultado de um processo psíquico que conduz ao conhecimento, é complexo, e o problema de como o pensamento humano compreende os objetos, e, por abstração, constrói conceitos, centra-se, em grande medida, na teoria terminológica, uma vez que nela se verifica com mais evidência o processo mesmo de apreensão da realidade. Sendo assim, numa abordagem cognitiva, a terminologia deve responder a três perguntas sobre o conhecimento:

1) como se dá o processo de conceitualização da realidade e de estruturação do conhecimento dos indivíduos?; 2) como se dá a seleção dos conceitos e que mecanismos permitem gerar o sistema cognitivo ou o sistema conceitual?; 3) que tipos de relações se estabelecem entre conceitos e os respectivos termos?

Os termos, base da comunicação técnico-científica, refletem a estruturação conceitual do domínio ao qual pertencem. Daí que dêem de ajudar na organização do pensamento, a terminologia permite também o acesso e a transmissão dos conhecimentos de um domínio. Como a organização e a conceitualização representam propriamente a dimensão cognitiva da terminologia, a transmissão dos conhecimentos constitui a sua "dimensão comunicativa".

No processo comunicativo o emissor e o receptor (no caso das linguagens

especializadas), partem de um conhecimento prévio sobre, de um lado, a realidade que procuram comunicar, e, de outro, as normas sociais sobre o uso da linguagem, as normas discursivas. Na comunicação especializada, ocorre uma série de restrições que limitam o alcance de cada um dos elementos que intervêm no ato de comunicação. Os interlocutores são especialistas de um domínio e se comunicam sabendo que compartilham um determinado grau de informação sobre o domínio em questão. Além disso, mesmo se o sistema de comunicação que utilizam comporta a linguagem geral da qual usa a síntaxe, a morfologia e uma parte do léxico, existe um sub-código próprio à especificidade e à terminologia desse domínio.

As obras terminológicas devem ser, portanto, estruturadas e essa estrutura corresponde a um domínio construído. As terminologias são realizações concretas, sob a forma de signos de uma língua, dos sistemas notionais. E, por consequência, são esses sistemas notionais que estabelecem os critérios de estruturação. A utilização do termo resulta, além das necessidades de denominação, também de uma espécie de cumplicidade entre os locutores. Em outra palavras, a especificidade dos termos vem de uma dupla relação: com a realidade expressa e com quem a expressa. A terminologia, produto de um processo metodológico, tendo como ponto de partida vários textos pertinentes a uma área de conhecimento, dos quais são seus legítimos representantes, constitui, pois, o suporte de uma visão de mundo semioticamente construído (Cf.: BARBOSA, 1989).

É Alain Rey quem nos lembra que a terminologia « est bien plus une pratique sociale qu'une science abstraite ou une activité comparable à la lexicographie. » (REY, 1988, 88-89). Foi no quadro de instituições administrativas, políticas ou econômicas que ela se desenvolveu e esse desenvolvimento não responde apenas a uma demanda social mas intervem quando existem desafios históricos, políticos e econômicos. Mesmo quando se trata de arranjos linguísticos, de traduções ou de edição, essas funções linguísticas estão sempre presentes, a serviço de necessidades sociais. No tratamento do discurso técnico-científico, a terminologia se aproxima, nesse sentido, da epistemologia, uma vez que:

«Le primat de la structure notionnelle, dont nous avons vu qu'elle est avant tout abstraction d'une pratique, s'explique par le fait qu'au delà du fonctionnement proprement linguistique, la terminologie cherche à régler un autre fonctionnement, qui est lié à l'exercice des connaissances. » (REY, 1988, 92).

Os termos são, portanto, denominações que relacionam a linguagem a uma realidade extralinguística, e representam objetos da realidade. Nesse sentido, é a partir dos termos que os indivíduos expressam e compartilham seus pensamentos, assim como organizam a estrutura de base de uma disciplina. Nas palavras de Benveniste:

« La constitution d'une terminologie propre marque dans toute science l'avènement ou le développement d'une conceptualisation nouvelle, et par là elle signale un moment décisif de son

histoire. On pourrait même dire que l'histoire propre d'une science se résume en celle de ses termes propres. Une science ne commence d'exister ou ne peut s'imposer que dans la mesure où elle fait exister et où elle impose ses concepts dans leurs dénominations. Elle n'a pas d'autre moyen d'établir sa légitimité que de spécifier en le dénommant son objet, celui-ci pouvant être un ordre de phénomènes, un domaine nouveau ou un mode nouveau de relation entre certaines données. L'outillage mental consiste d'abord en un inventaire de termes qui recensent, configurent ou analysent la réalité. Dénommer, c'est-à-dire créer un concept, est l'opération en même temps première et dernière d'une science. » (BENVENISTE, 1974, 247).

2. A referência em questão

O termo, nos seus aspectos sociais e pragmáticos, distingue-se substancialmente de outras unidades lexicais. Em alguns aspectos identifica-se com a lexia enquanto unidade funcional do discurso; em outros, distancia-se pela sua dependência a um universo de discurso especializado. Mas instituições normalizadoras identificam a especificidade de termo na sua univocidade e é bom lembrar que só existe univocidade quando o termo A designa o conceito A e que o conceito A só pode ser designado pelo termo A (que não tem concorrente). Essa tese já recebeu muitas críticas e talvez a principal delas seja a de ter esquecido de reconhecer que as linguagens especializadas, como qualquer outro tipo de linguagem, são dinâmicas, mutáveis, podendo sofrer variações nos diferentes *chronoi*, *topoi*, *strata*, e

phasesi. Por outro lado, se o termo corresponde ao ato de denominação, que por princípio é monossêmico, também se afirma na comunicação estando, nesse âmbito, sujeito a "negociações" e "renegociações" dentro das relações de interação do processo comunicativo (Cf.: GAUDIN, 1993, 78).

O termo, designação de uma entidade extra-linguística modifica seu semanticismo na medida em que a atividade científica ou técnica não é isolada do conjunto de outras áreas de conhecimento e da sociedade. Por isso, explica Guilbert, se existe univocidade no termo é que ele tende a ser monossêmico, ou melhor, monoreferencial (Cf.: GUILBERT, 1973, 10). Ele transpõe, na realidade, a relação significado/significante para a relação signo/referente na busca de uma unidade semântica no universo de discurso. Desse modo, o tipo de texto produzido na comunicação técnico-científica é fundamentalmente "informativo" e "descritivo", assim como a função predominante é a "referencial" (Cf.: JACKOBSON, 1995).

Ora, a questão da referência é fundamental no conjunto dos problemas semânticos da terminologia e está diretamente ligada à noção de denominação, tendo sido objeto de várias definições. Para uns ela é entendida como a relação de uma expressão linguística a uma entidade extra-linguística; outros vêem nela a ligação estabelecida entre uma unidade codificada e seu referente; e há ainda alguns que a compreendem como a designação entre uma categoria gramatical nominal e a classe ou categoria referencial correspondente. É

preciso notar que todas essas definições aproximam-se umas das outras no que diz respeito à dimensão referencial, uma vez que vêm na denominação a designação de um ser ou de uma coisa extra-linguística por um nome. Por isso, observa Gaudin:

« Il n'y a donc de relation de dénomination que s'il y a eu au préalable acte de dénomination. Cet acte, qui permet la distinction avec le phénomène de la désignation, plus occasionnelle, a pour conséquence l'acquisition d'une compétence référentielle. » (GAUDIN, 1993, 79).

A associação entre o signo e a coisa deve ser memorizada, ou ainda, "codificada". E mais, só diz respeito às unidades codificadas (os nomes), cuja utilização pressupõe a existência de um referente correspondente. Entretanto, como já mencionamos, temos que restituir o ato de denominação na interação entre os locutores, uma vez que os termos são também unidades de comunicação e, por isso, sempre sujeitos a negociações. Nesse sentido, como explica ainda Gaudin:

« C'est à chaque locuteur qu'il revient d'assumer cette fonction sociale de la dénomination, qui a pour effet de valider l'appartenance d'une réalité extra-linguistique à une classe dénomminative mais aussi d'autonomiser le référent du nom. » (GAUDIN, 1993, 80).

Temos, portanto, que a monoreferencialidade apenas pode vir de um consenso, não podendo "resumi" o sentido do termo. Nós não podemos confundir referente e sentido e, se o usuário necessita de uma certa

monoreferencialidade, tem que estar ciente de que ela só pode ser relativa e que fatores exteriores a perturbam.

3. Os domínios em questão

Elaborar a terminologia de uma ciência parece, pois, implicar uma prática de "fragmentação" do conhecimento em domínios e disciplinas. Mas isso é questionável. A expansão das ideias de interdisciplinaridade conjugada a uma certa banalização que trazem, tem facilitado as mudanças semânticas de um termo, tornando mais tênues os limites entre o vocabulário geral e as linguagens técnico-científicas. Portanto, é a validade do próprio princípio de fragmentação que a terminologia deve examinar. Se desconsiderar o caráter plural de qualquer atividade demonstra a arbitrariedade de tal fragmentação, é a própria noção de domínio que deve ser posta em questão.

Ora, a metodologia geralmente recomendada em terminologia é a de precisar as fontes especializadas de um domínio, apoiando-se na ideia de que os domínios são realidades estáveis e delimitadas. Mas essa prática nega o caráter dinâmico dos discursos científicos e, por consequência, o caráter renegociável das noções de que já falamos anteriormente. Por isso preferimos a noção de domínio presente em Rastier, que afirma ser o domínio

« une classe sémantique liée à un type de pratique sociale », onde existent « des interférences mésogénétiques qui indexent les sémèmes et sémies appartenant à un même domaine sémantique. » (RASTIER, 1989, 9).

A especificidade da unidade terminológica resulta, então, além das necessidades da denominação, de uma espécie de cumplicidade entre os locutores. O termo assume sua particularidade a partir do uso que tem numa comunidade, em que os indivíduos compartilham uma mesma experiência e análise da interpretação do mundo por meio da linguagem. A inter-compreensão é, pois, o critério de cumplicidade de uma comunidade e é a partir da estruturação da experiência que podemos construir a estrutura do vocabulário. Essa base conceitual nos remete para o caráter particular das comunidades de locutores e, ao mesmo tempo, faz da terminologia um estudo de "socioteleto" técnico-científicos e institucionais. Ela é caracterizada essencialmente pelo caráter sócio-pragmático, fruto de um fator extra-linguístico e o fato de ela ser uma prática social, mais que uma ciência, a deixa, por assim dizer, à mercê do fator extra-linguístico, já que a estruturação de uma terminologia depende diretamente da estruturação da atividade que se pretende descrever.

Considerações finais

Querer estabelecer uma norma prescritiva nas terminologias não é pôr a terminologia a serviço das áreas de conhecimento. A função prescritiva das terminologias, com seu ideal normatizador, esquece o caráter negociável dos termos e o caráter dinâmico das ciências. A produção terminológica está ligada à inovação que nasce nas redes transversais existentes entre as disciplinas, ou ainda, a circulação, o intercâmbio e a

contaminação de conceitos entre as disciplinas são primordiais para a inovação.

Por isso, tentar normatizar as terminologias científicas é reduzir o mundo de possibilidades e virtualidades e empobrecer a pesquisa científica. Essa deve estar em constante questionamento e em busca de novos e/ou diferentes conceitos, capazes de expressar novos e/ou diferentes realidades. Normatizar é tentar acreditar que a ciência, a técnica ou qualquer atividade está acabada, quando na prática o que se afirma é precisamente a constatação do inacabamento.

A terminologia, situada na encruzilhada das ciências da linguagem com as ciências cognitivas e sociais têm, pois, um papel fundamental no processo de fabricação da realidade e, por isso, torna-se urgente pensar sua unidade no interior do quadro da sociedade globalizada, de maneira a construir uma visão de mundo plural, partindo do local (ou do discurso), e não de uma norma institucional que prescreve uma visão única, um pensamento único, aniquilador das diferenças e da atividade criadora.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, M.A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: *Anais do IV encontro nacional da ANPOL*. São Paulo, ANPOL, 1989.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*, vol.2. Paris, Gallimard, 1974.

CABRÉ, M.T. *La terminologia. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Antàrida/Empuries, 1993.

GAUDIN, F. *Socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Publications de l'Université de Rouen, 1993.

GUILBERT, L. PEYARD, J. "Les vocabulaires techniques et scientifiques." In: *Langue française*, No 17. Paris, Larousse, 1973.

JACKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1995.

RASTIER, F. Mot, phrase: pour une sémantique unifiée In: *Semantica, les modèles sémantiques pour le traitement automatique du langage*. Paris, Ed. GSI/EC2, 1989.

REY, A. Les fonctions de la terminologie: du social au théorique. In: *Actes du sixième colloque OLF-STQ, de terminologie. L'ère nouvelle de la terminologie*, p87-108, Paris, Ed. OLF, 1988.